

# Rússia: trabalhadores contra a política de Ieltsin\*

*Mark David Mandel\*\**

*Resumo:*

O objetivo deste artigo é fazer uma análise sucinta da recente greve dos mineiros na Rússia, com ênfase nos alcances e nos limites da politização adquirida pelo movimento.

Em 10 de julho último em Moscou, perante a sede do governo, conhecido como "A Casa Branca", houve a trigésima jornada de acampamento dos trabalhadores. A iniciativa foi tomada por 200 delegados mineiros, vindos de diferentes regiões. No mês de maio, os mineiros haviam bloqueado por mais de uma semana as linhas ferroviárias em sinal de protesto: fazia um mês que não eram pagos. Em 24 de maio, logo após o acordo com o governo, os protestos cessaram. Mas logo os mineiros perceberam que o governo não manteria sua parte no acordo e decidiram enviar delegações a Moscou para organizar piquetes. Em Oural, Sibéria, no extremo oriental da Rússia, os bloqueios esporádicos prosseguiram.

O acampamento dos mineiros, organizado pelo sindicato independente dos mineiros, o menor dos dois sindicatos das minas de carvão,<sup>1</sup> obteve um apoio crescente da parte dos trabalhadores de outros setores, eles também vítimas da desastrosa política econômica do governo. Esta política foi apoiada pelas sete grandes potências, como confirma o recente acordo entre a Rússia e o FMI, mas causou o empobrecimento dos trabalhadores e a supressão de quase toda a ajuda prestada pelo Estado. A indústria manufatureira e o potencial tecnocientífico do país foram literalmente devastados.

Um relatório da Unesco sublinhou que os indicadores demográficos da Rússia parecem os de um país em guerra. Com a fragilidade do movimento operário, em parte herança do passado totalitário, em parte consequência de uma crise econômica sem precedentes, esta guerra aparecia como unilateral. No entanto, os piquetes dos mineiros poderiam marcar uma reviravolta em relação ao passado. As manifestações de solidariedade, como as que trabalhadores de diferentes setores produtivos fazem atualmente, eram muito raras. Muitas vezes, em uma mesma empresa, uma seção mobilizava uma greve e conseguia que os salários fossem pagos, mesmo que continuassem atrasados nas outras unidades.

\* Tradução de Vania Maria Manfroi, professora da Universidade Federal do Espírito Santo e doutoranda em Serviço Social pela PUC-SP.

\*\* Sociólogo da Universidade do Quebec, Canadá, e um dos fundadores da Escola para a Democracia Operária, de Moscou.

1. A direção do maior dos dois sindicatos qualificou a ação de "beco sem saída".

O piquete está para se tornar-se um ponto de aglutinação para todos os operários que não têm mais ilusões no regime atual e seu programa econômico, como para a oposição no exército. Os mineiros do carvão contribuíram para colocar Ieltsin no poder e estiveram outrora entre os partidários mais fervorosos das suas reformas no movimento operário. Atualmente, eles pedem sua demissão imediata, uma mudança radical dos rumos da economia e a renacionalização do carvão e de outros setores chave. As delegações chegaram a Moscou provenientes de Toula, Iaroslavl, Kalouga, Ivanovo, Samara e de outras regiões. Delas participaram, entre outros, trabalhadores da indústria automobilística, professores das universidades, cientistas, médicos, estudantes e militares.

Já no passado, os mineiros tinham feito reivindicações políticas (embora a da renacionalização seja um fato novo). Mas eram moeda de troca para obter finalmente os salários atrasados. Agora, os participantes dos piquetes explicam que os tempos mudaram: eles não têm nenhuma intenção de renunciar às suas reivindicações políticas.

O potencial destes protestos é tanto mais importante porque se produzem quando, após as diretrizes do FMI, isto é, dos Estados Unidos e dos outros países do G7, a política do governo pode aumentar a raiva popular. O governo está tentando suprimir ainda mais o que resta de seus programas sociais e as ajudas às indústrias. Além disso, procura introduzir um sistema de impostos ainda mais regressivo que vai aumentar o fardo dos trabalhadores. Tais medidas vão impedir a retomada do crescimento e agravar o problema de salários atrasados.

Ao mesmo tempo, a nova "ajuda" maciça do FMI dá a medida da bancarrota da política econômica do regime. O empréstimo visava impedir uma desvalorização do rublo que teria devastado o sistema bancário, impulsionado uma hiperinflação e destruído o apoio interno extremamente limitado de que o regime ainda desfrutava. A ajuda do G7 foi, portanto, ditada sobretudo por razões políticas: havia preocupação com a estabilidade do regime "comprador". Como disse Gaidar, um dos arquitetos da terapia do choque, o "papel construtivo dos Estados Unidos ao impulsionar um acordo, estava fortemente inspirado pelos imperativos internacionais" (*Financial Times*, 15/7/98).

Um boletim datado de 8 de julho expressava o "apelo aos cidadãos russos pelos representantes dos coletivos mineiros que participam dos piquetes em frente à sede do governo da Federação Russa, bem como do comitê de coordenação dos sindicatos e associações sociais das universidades e dos institutos científicos". Segundo o boletim, "hoje, na Rússia, os mineiros, os trabalhadores, os professores das instituições de alto grau e de escolas, os médicos, os estudantes, os engenheiros e os quadros técnicos, os cientistas em greve se engajam nas ações de protestos de massas. Eles exigem o fim das reformas antipopulares e a demissão de Bóris Ieltsin. Nós lhes exprimimos nossa solidariedade total. Exigimos que as duas câmaras da Assembléia da Federação Russa mudem a constituição

federal com o objetivo de dar fim a um regime presidencial e ditatorial e de restabelecer um verdadeiro governo popular e o controle do poder legislativo sobre o poder executivo. Que sejam pagos rapidamente os salários pelos mandantes do Estado e que o salário de base não seja inferior ao mínimo vital. Exigimos que parem a destruição e a liquidação dos recursos intelectuais e tecnológicos do país (...). Exigimos a anulação da privatização dos setores chaves da indústria, da energia e das comunicações e uma revisão escrupulosa, do ponto de vista legal, de todos os atos de privatização. Exigimos que todas as propriedades que foram pilhadas sejam restituídas ao Estado”.

Trata-se de reivindicações radicais que atingem as causas fundamentais da condição dos trabalhadores e representam um visível passo adiante para o movimento operário russo que, nestes últimos anos, se limitou à reivindicação lastimável e sem perspectiva de receber os salários não pagos.

Entretanto, uma séria fragilidade do movimento reside na falta de um programa claro e de um partido operário que possa lutar por sua realização. Ao mesmo tempo em que aumenta a vontade de lutar em conjunto contra o regime de Ieltsin e sua política, não existe uma concepção comum sobre a substituição dele. Só recentemente os participantes dos piquetes em Moscou começaram a se colocar a questão de quem deveria chegar ao poder depois de Ieltsin e qual deveria ser uma nova estratégia de reforma. Alguns apresentaram a idéia de um poder político paralelo, baseado sobre comitês de greves eleitos. Ao menos no acampamento de Moscou, muito poucas pessoas se manifestaram em favor de um “homem forte”, salvador, mesmo se esta alternativa está presente na população, inclusive, em organizações operárias. Quanto à direção sindical, ela não se preocupou seriamente com a questão de uma alternativa à Ieltsin e sua política.

Um outro problema é a falta de uma avaliação realista da correlação de forças. Os trabalhadores mais ativos tornam-se cada vez mais impacientes e não percebem que o movimento operário deverá percorrer um longo caminho. Também existe uma perigosa subestimação da vontade e da possibilidade do regime usar a violência contra o povo. Não está bem claro quais são as forças de repressão confiáveis de que o governo dispõe neste momento. Mas não se deve esquecer o massacre sangrento dos defensores do Parlamento em outubro de 1993 e, em seguida, das ações terroristas armadas na Chechênia, onde dezenas de milhares de pessoas, a maior parte não combatentes, foram mortas. Se, até agora, foram raras as medidas policiais contra o movimento operário, é porque o governo não se sentiu ameaçado.

O movimento atual precisa do apoio internacional. É importante que os trabalhadores russos saibam que não estão sós. É importante que também saibam disso o governo russo e todos os governos cúmplices de seus crimes. Os sindicatos podem enviar mensagens de apoio ao seguinte endereço:

*Syndicats indépendants des mineurs*

Novyi Arbat 15, rm. 2401

Moscou 12 1910, Rússia

tel/fax: (095) 2026120

ou pelo correio eletrônico: minetr@dol.ru.

O web site dos piquetes é: <http://people.weekend.ru/antrazit>

julho de 1998

Post-scriptum:

O piquete continua. Sua popularidade e influência junto à classe trabalhadora continua a crescer, embora mais lentamente do que o esperado. Piquetes semelhantes têm sido instalados em outras cidades, como Iaroslavl e Ulianovsk.

Mesmo antes do colapso do rublo, que precipitou a crise final do regime de "terapia de choque" de Ieltsin, era evidente que o protesto popular em queda atingiria intensidades incontíveis se o regime continuasse na mesma direção. A formação de um novo governo, que inclui membros da oposição e promete reorientar a política econômica para necessidades populares é, em larga medida, o resultado da ameaça representada por este protesto. O regime de Ieltsin não dispõe de solução politicamente sustentável para a nova crise econômica. Ele foi obrigado a ampliar o governo e mudar de política.

No momento, os trabalhadores engajados no movimento de protesto parecem querer dar uma chance ao novo governo. Quanto tempo a paciência vai durar é uma outra questão.

setembro de 1998